

3.º ANNO

# REVISTA DO MINHO

3.ª SÉRIE

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

DIRECIDA POR JOSE DA SILVA VIEIRA

E COLLABORADA POR FOLK-LORISTAS PORTUGUEZES E ESTRANGEIROS

N.º 41 VOL. III

ESPOZENDE, 15

DE FEVEREIRO DE 1888

## Cancioneiro Minhoto

Canções populares d'Espozende

(Continuado do n.º 1 do 3.º anno)

174

Trinta diabos te levem,  
outros tantos te consumam,  
outros tantos te arrastem  
para a cama onde eu *drumo*.

175

Cala-te ahí boca aberta,  
cara de formento crú,  
eu já te deitei de comer  
pelo buraco do cú.

176

Se tú visses o que eu vi  
fugias como eu fuji:  
uma cabra a tirar *auga*,  
e outra a regar o jardim.

177

O meu amor é pescador,  
quando pesca mata raia;  
tambem pesca um peixinho  
qu'anda debaixo da saia.

178

Eu quebrei o cantarinho  
á porta do meu amôr,  
mandou-me apanhâr os cacos  
e tornou-o a compôr.

179

Quizeste chamar-me feio,  
eu não sou feio assim;  
isto foi uma velha feia  
que botou feio em mim.

180

Puz-m'a cagar de joelhos  
para não borrar o capote,  
alegra-te miuha filha  
que só junto p'ro teu dote.

181

Debaixo da ponte nasce  
agua clara sem lódo;  
é muito advinhar—  
o amôr por quem eu morro.

182

Uma velha já m'o dava,  
fiado até ao verão;  
antes quero d'uma nova,  
com o dinheiro na mão.

183

Esta noite há de chover  
uma chuva temeroza,  
eu hei-de-m'abrigar d'ella  
á tua porta, oh Roza.

184

Adens oh Ponte do Lima,  
corcada de carvalheiros;

Vianna por ser maior,  
não tem lá senão pinheiros.  
185

Valha-me Nossa Senhora,  
a Virgem da Piedade;  
ella me queira valer  
em qualquer anciedade.  
186

Já não quero mais amar,  
já do amar tenho medo;  
eu não quero ir pagar  
dividas que eu não devo.  
187

Não te cazes, nossa Anna,  
gosa-te da bôa vida;  
eu bem sei d'uma casada  
que chora d'arrependida.  
188

Fui ao matto á carqueija  
escorreguei no pinheirinho;  
estas meninas d'agora  
estão marcadas no focinho.  
189

Oh! menina dê-m'o, dê-m'o,  
dê-m'o, que não é pecado,  
uma brazinha de lume  
para accender o cigarro.  
190

Amores!... amores  
comp eu tenho lido!...  
agora já não,  
que me tem morrido.

(Continúa)

J. DA S. VIEIRA.

---

TRADIÇÕES POPULARES DE  
BARCELLOS

II

CONTOS POPULARES

III

● Frade encantado

Uma occasião no convento da Franqueira um frade depois de andar a passeiar pela serca, sentou-se ao pé d'um tanque dentro dos clautros e ouvindo cantar um passarinho ficou encantado por espaço de sessenta annos. Um dia, entrou no convento e não conheceu nenhum frade nem estes o conheceram. Viu-se então por memorias do convento que elle era um dos frades que á sessenta annos alli existia.

A mesma tradicção se conta do convento de Villar: «No tempo em que o Mosteiro de Villar de Frades, que o auctor da *Benedicta Lusitania* julga, se fundara no tempo de S. Martinho de Dume, era de Monges de S. Bento, um Santo Abbade absorto na comtemplação d'aquellas palavras do *Psalmo 89. Mil annos á vista de Deus são como o dia que hontem passou*, se deixou levar da suave harmonia de uma ave, e a seguia e esteve ouvindo, até que ella desapareceu. Voltou para o Mosteiro, e ficou admirado, quando viu, que no brevissimo tempo de um só dia, como se lhe representou, tudo estava mudado, e eram outros Religiosos, e não os que elle deixara. Contou o que lhe tinha acontecido, recorreram os Monges a algumas memorias, e acharam, que era o Abbade, que havia settenta annos tinha desaparecido do Mosteiro. Não conta o sobredito auctor o tempo, ou seculo, em que aconteceu tão estupendo prodigio». (a)

---

(a) Fr. Manoel da Mealhada, — in. Prop. Hist., 1762. III).

A tradição popular da Franquei-za tem relação com esta e só ha uma contradição no numero dos annos, pois diz-se que o frade ficou encantado sessenta annos, e o auctor diz serem settenta; e em logar de ser frade é abbade O auctor descreve esta lenda como um successo miraculoso dado no seculo VII.

### III

#### COSTUMES POPULARES

##### I

##### **Era não era**

Era não era,  
era moleiro,  
fazia batoques,  
sem ser batoqueiro;  
tinha trez officios,  
barraba cortigos,  
chegu-lhe a noticia,  
que era seu pai morto,  
sua mãe por nascer:  
deitou as pernas ás costas,  
e rapou a correr.

##### II

##### **• meu sol**

Está diante do meu sol,  
o Diabinho maior  
formiguinhas amarellas  
que te nascem p'las pernas  
o sanguinho a scorrer  
o Diabo a lamber  
em nome do padre e do filho,  
s'en vir fandango atiro-le um tiro  
hei-le-me pôr a espreitar  
e se o vir hei de le atirar  
—Pum.

##### III

#### Mandamentos do Moleiro

*(Quando chega o sacco)*

Deus te salve sacco,  
nove maquias te rapo:  
trez por te trazer,  
trez por te moer,  
trez para o meu burro comer.

*(Depois)*

Chega a mulher,  
tira o que quer,  
chega o hóme,  
tira o que come,  
a filha Maria,  
o que queria.

*(O criado)*

O' sr. meu amo:—  
o sacco está por maquiar,

*(O moleiro)*

maquia-o lá  
que te leve o diabo.

##### IV

##### **• Manquinho**

Manquinho,  
quem te mancou:  
foi o Diabo  
que por aqui passou.  
Se elle passou,  
deixal o passar,  
que quando quizer  
te ha de levar.  
—Deus te livre:  
do gato e da lebre,  
e do Diabo  
que te leve! (A)

(A) No Porto tambem se diz:

*O manco de Gaya  
passou por aqui  
é um sacco de m...  
pra dar pra ti.*

V

O Fernandinho

Fernandinho foi ao vinho,  
quebrou o copo no caminho;  
ai do copo, ai do vinho  
ai do... cú do Fernandinho.

VI

Maria moleira

Indo eu por um caminho,  
encontrei um burriquinho,  
carregado d'abellãos,  
meias pó-dres, meias sãos;  
encontrei Maria moleira,  
sentada n'uma cadeira,  
fôra eu que sou juiz,  
que le c... no nariz,  
fôra eu que sou letrado,  
que le c... no sobrado,  
p'ro primeiro q'a q'i falar,  
na bocca heide c....

VII

a) E' muito bom mattar o primeiro pioho que apparecer na cabeça d'uma creança, no fundo d'uma cabaca.

Isto para ella (a criança) sêr bôa cantadeira e de juizo.

VIII

b) E' muito bom birar um tamanca do pé esquerdo, para o ar, quando um cão estiver a uivar.

Isto por causa do mau agouro.

Sobre este costume veja-se um costume popular do Minho publicado em 1861 pelo sr. A. R. intitulado:—*Prejuizos do Minho*: tres vezes, e trez noutes seguidas, piou o mocho no esgalho da arvore ve-

lha e carcomida. E lá dentro a luz d'azeite crepitou tres vezes, tres vezes sobre o telhado rolaram pedras lançadas por invisivel mão. E no forro mal seguro, ou à porta já trancada, soou tres vezes cavernoso som. Ha morte um casa, ou na familia!... E as almas finadas d'esta a mandam avisar de que vai expirar alguem.

Se o cão uivou e um latido terminou o uivo; e se tres vezes se repetio o mesmo, então a desgraça è certa. E em vão calareis os uivos com o *sacrilegio* de levantar um chinello de sola acina, porque o golpe è inevitavel.—Se um gallo negro nos cantar fôra da meia noite, matai-o logo, porque o seu canto trará desgraça.—E se alta noite se ouvir estrondo em casa, não podem ser ratos nem gatos, mas *evocai* as almas que andam penando, e satis'azei-lhe seus compromissos, para que deixem o mundo e vão ser julgados!...»

